

**A MEMÓRIA PROJETADA NA SOCIEDADE VIRTUAL:
ANÁLISE DA MEMÓRIA A PARTIR DE “THE ENTIRE HISTORY OF YOU”¹**

**THE MEMORY DESIGNED IN THE VIRTUAL SOCIETY:
MEMORY ANALYSIS FROM “THE ENTIRE HISTORY OF YOU”**

Pamella Regina D’Ornellas²

Resumo

Em função da tecnologia, mudam-se os comportamentos afetivos, profissionais e até biológicos. Com a análise do episódio *The Entire History of You* do seriado *Black Mirror*, este artigo pretende relacionar a dimensão da memória no âmbito tecnológico. O enredo desse episódio desenvolve-se entre um casal, Ffion e Liam, que vive numa sociedade onde as pessoas têm um órgão extra, o “grão”, o qual é um elemento tecnológico implantado atrás da orelha dos usuários que permite que tudo o que é vivido seja registrado digitalmente por meio de gravações das memórias de tudo o que os olhos e ouvidos presenciam durante a vida. Este episódio é descrito e analisado a partir de conceitos de memória propostos por autores como Halbwachs, Peralta e Amormino.

Palavras-chave: Memória. Tecnologia. Dispositivos Tecnológicos. Sociedade Virtual.

Abstract

Depending on the technology, the affective, professional and even biological behaviors are changed. With the analysis of the episode *The Entire History of You* of the series *Black Mirror*, this article tries to relate the dimension of the memory in the technological scope. The plot of this episode unfolds between a couple, Ffion and Liam, who lives in a society where people have an extra organ, the "grain," which is a technological element implanted behind the users ear that allows everything is lived to be recorded digitally by means of recordings of the memories of everything that the eyes and ears witness during the life. This episode is described and analyzed from memory concepts proposed by authors such as Halbwachs, Peralta and Amormino.

Keywords: Memory. Technology. Technological Devices. Virtual society.

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Memória e vínculos comunicativos, do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

²Mestranda em Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo/ UMESP, bolsista pela Capes; email: pamellard@gmail.com

Introdução

O seriado *Black Mirror* é um produto audiovisual que foi originalmente pensado para ser exibido na televisão britânica e tem como tema central elementos relacionados ao momento contemporâneo da sociedade tecnológica, com histórias contadas sob um tom obscuro e satírico. Muitos episódios têm narrativas sob a perspectiva temporal presente, projetando um futuro possível sobre realidades que já vivemos. Outros partem de um panorama futuro, com possibilidades de experiência ainda não praticadas e imprevistas em nossa sociedade, traçando novas tecnologias.

Como temas predominantes, destacam-se as relações entre o homem e as tecnologias da mídia e da informação, e também questionamentos da sociedade em rede e as consequências que exercem na vida dos cidadãos. Paraphrasing Charlie Brooker (apud Souza, 2014, p.01), o criador do seriado inglês, “Se a tecnologia é uma droga, então quais são exatamente os efeitos colaterais?”, podemos afirmar que as narrativas audiovisuais têm como objetivo maior instigar o receptor desse conteúdo, a fim de que pense em sua existência em detrimento das possíveis tecnologias que estão e serão disponíveis ao uso.

Black Mirror é um seriado de origem inglesa composto por três temporadas, sendo que a primeira tem 3 episódios, a segunda tem 3 episódios e um especial de Natal, e a terceira tem 6 episódios. O episódio *The Entire History of You* (Toda a sua história) é objeto de estudo do presente artigo e foi exibido pela primeira vez no dia 18 de dezembro de 2011 no Channel 4, uma rede de televisão britânica. Escrito por Jesse Armstrong e dirigido por Brian Welsh, tem 44 minutos de duração e muitas críticas explícitas sobre o comportamento humano e suas variantes diante de inovações tecnológicas disponíveis na sociedade concebida na narrativa.

A história

O enredo gira em torno do conflito conjugal do casal Liam Foxwell (Toby Kebbell) e Ffion (Jodie Whittaker), que vivem numa sociedade em que praticamente todos os cidadãos utilizam o “grão” (*grain*, como é originalmente chamado no seriado), um chip com alta capacidade de armazenamento de memória da vida do cidadão, que se assemelha a uma pequena semente. Com o microchip, os olhos dos usuários tornam-se câmeras ligadas 24h por dia, sete dias por semana, e as imagens salvas podem ser vistas individualmente ou publicamente, permitindo o replay, zoom, leitura labial, sendo projetadas em telas instaladas

nas casas, nas ruas, nos carros para serem assistidas em grupo ou individualmente. Todos têm por hábito relembrar os acontecimentos que vivenciaram. Fazem isso manipulando um controle remoto que carregam constantemente na mão ou no bolso/ bolsa, sintonizado com o grão, e têm nesse dispositivo uma impressão de total controle do corpo humano e, principalmente, da memória. As lembranças parecem estar sob domínio próprio e o indivíduo tem a sensação até de controlar a recuperação de dados. Assim, é resgatar um passado no presente a partir de um dispositivo tecnológico. Como afirma Huysen (apud Souza, 2014, p.08),

Para onde quer que se olhe, a obsessão contemporânea pela memória nos debates públicos se choca com um intenso pânico público frente ao esquecimento, e poder-se-ia perfeitamente perguntar qual dos dois vêm em primeiro lugar. É o medo do esquecimento que dispara o desejo de lembrar ou é, talvez, o contrário? É possível que o excesso de memória nessa cultura saturada de mídia crie uma tal sobrecarga que o próprio sistema de memórias fique em perigo constante de implosão, disparando, portanto, o medo do esquecimento?

Os personagens se deparam com o medo do esquecimento, latente em todos os personagens que utilizam a memória como um meio de manipulação da própria história de vida. A mente está sempre ligada e gravando memórias, apenas é desligada enquanto o sujeito dorme. No início do episódio, Liam ativa seu “grão” numa tela dentro do táxi e assiste à publicidade do dispositivo: “Memória de grande espectro. Você pode adquirir o upgrade do seu grão por menos de uma xícara de café por dia, com 3 décadas de backup, gratuitos [...]. Porque a memória é para ser vivida!”³ Nessa passagem fica explícito que a sociedade da qual Liam faz parte tem uma grande necessidade de controle sobre a temporalidade dos acontecimentos individuais.

É possível estar em contato com o passado a qualquer momento e, de certa forma, esse dispositivo é benigno aos seus usuários ao possibilitar que guardem memórias de pessoas distantes ou que já faleceram. Mas também pode apresentar consequências nocivas aos indivíduos pelo fato de o dispositivo ser um meio de minar as relações interpessoais, abalando os laços afetivos, como ocorre na respectiva narrativa, e transformando-os em uniões maquínicas, aparentemente sem sentimentos. Ou seja, o microchip de memória não deixa que

³ Trecho do episódio *The Entire History of You*.

os seus usuários se esqueçam do que fizeram, pois eles têm acesso a qualquer momento a essas lembranças.

O episódio

O episódio inicia com Liam, um jovem advogado que está numa entrevista de emprego, na qual julga não ter tido um bom desempenho. Após essa primeira cena, Liam vai para uma reunião de amigos, na qual Ffion já está confortavelmente situada. Eles se encontram e diversos diálogos são travados entre os personagens. Durante o jantar, Liam desconfia que Ffion tenha traído o protagonista, uma vez que percebe certa simpatia entre sua esposa e Jonas (Tom Cullen).

Com o fim do jantar, o casal retorna para sua confortável casa e Liam pede para que Ffion admita seu envolvimento com Jonas, mas ela nega por várias vezes. Até que o marido consegue fazê-la confessar que teve um relacionamento com o terceiro por meses, alegando que isso aconteceu durante um período em que os dois brigaram e Liam ficou fora de casa por um período extenso. A partir daí, ambos travam diversas discussões e Liam decide confrontar Jonas em sua própria residência. Ao encontrar Jonas, Liam tem acesso as suas imagens e verifica que Jonas e Ffion fizeram sexo há 18 meses, o mesmo período em que a filha do casal, Jodie, foi concebida.

Ao sair da casa de Jonas, Liam fica perturbado e vai até sua esposa, com a intenção de obter maiores esclarecimentos sobre os fatos mostrados por meio do “grão” de Jonas. Ela diz ter feito sexo com Jonas utilizando preservativo, mas os registros do “grão” de Ffion revelam o contrário. Ffion fica desconfortável quando seu marido obriga que ela reproduza as imagens de seu relacionamento extraconjugal com Jonas por meio das imagens fornecidas pelo “grão”. Atordoado com a possibilidade de que Jodie não seja sua filha, Liam acaba se distanciando de sua esposa e de sua filha.

Nas últimas cenas do episódio, o protagonista é visto vagando em sua casa vazia, enquanto assiste às memórias felizes com sua família por meio do aparato tecnológico. As memórias lhe trazem sofrimento, mas enquanto elas estiverem a sua disposição, ele as visitará quantas vezes for possível. A destruição gradativa que guia o protagonista ao longo da história, causada pelas idas e vindas em suas memórias através do dispositivo, culminaram em atitudes impensadas e drásticas para sua vida e de sua família. Ao fim, Liam decide retirar seu

chip de trás da orelha com uma faca, mostrando ser um momento de dor psicológica e física, além do alívio por se livrar daquilo que destruiu seus relacionamentos afetivos.

A memória na sociedade virtualizada

A memória, além de ser um dos temas principais em *The Entire History of You*, vem sendo amplamente estudada em diversos campos científicos, desde a filosofia até a neurociência. O sociólogo francês Maurice Halbwachs foi um dos estudiosos pioneiros nos estudos da memória social. Ele exerceu influência sobre as posteriores análises sobre a memória e vem sendo citado e estudado em diversos trabalhos acadêmicos que têm a memória como objeto de estudo.

Para Halbwachs a função primordial da memória, enquanto imagem partilhada do passado, é a de promover um laço de filiação entre os membros de um grupo com base no seu passado coletivo, conferindo-lhe uma ilusão de imutabilidade, ao mesmo tempo que cristaliza os valores e as aceções predominantes do grupo ao qual as memórias se referem (Peralta, 2007. p.05 e 06).

Dessa forma, as memórias humanas surgem da necessidade de manter viva a história de gerações passadas e de caracterizar a cultura de um determinado lugar numa determinada época. As memórias existem em função de nossa relação com o mundo e das trocas frequentes que realizamos entre nós e as pessoas com as quais nos relacionamos. Assim como afirma Elsa Peralta (2007), “As memórias são o produto da mente individual em relação com o mundo exterior. São os mundos interpessoais e culturais em que os indivíduos vivem que constituem as suas memórias” (p. 18). Mesmo vivendo num mundo em que a diversidade de realidades é muito extensa, construímos nossas próprias lembranças de uma perspectiva individual e única. Isso também pode ser facilmente percebido no episódio de *Black Mirror*, à medida que cada personagem grava em sua memória virtual o seu ponto de vista, sendo que o posicionamento da câmera é subjetivo, então o personagem do qual assistimos suas memórias não aparece, mas subentende-se que seja a visão dele representada na narrativa. Nas gravações apenas é mostrado o que seus olhos veem, literalmente, e seu posicionamento sempre será único em qualquer evento de sua vida.

Falar de memória é falar de construção, sobretudo porque as pessoas têm a capacidade de conservar informações vinculadas ao passado e reproduzi-las no presente por meio de narrativas. Muito mais do que contar histórias, através das memórias buscamos elementos fundamentais para a construção de nossa identidade.

[...] pode-se pensar a memória como algo negociado e politicamente construído, mas que possui um papel importante de referencial para a construção das identidades, configurando-se como algo que “garantiria” uma certa estabilidade e fixação da identidade, mesmo que imaginária, haja vista que se trata de uma impossibilidade (Amormino, 2007, p.11).

Memórias são as lembranças intangíveis do passado, reconstruídas sob condições e interesses atuais. Podem ser relacionadas com diversas abordagens, desde memórias individuais e coletivas, como as memórias eletrônicas, vinculadas diretamente à sociedade virtualizada. A memória nem sempre teve meios tecnológicos para ser registrada. Inicialmente, as histórias de comunidades e de atores sociais eram contadas, passando de geração em geração, com o objetivo de serem mantidas vivas, permeando as famílias e grupos sociais. Então, com o surgimento da escrita, e mais tarde do livro impresso, foi possível que registros fossem finalmente realizados, o que mudou a relação do homem com a memória. Ainda assim, contar uma história vivida é uma maneira de manter vivas as memórias individuais em detrimento dos acontecimentos sociais: a história pessoal é registrada num contexto social. Conforme afirma Pollak (1989, p.13),

[...] ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos-chaves (que aparecem então de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada), e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica. Através desse trabalho de construção de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros.

Hoje, os meios de realizar registros se estendem por outras tecnologias, como a câmera fotográfica, o gravador de voz, a filmadora, e todos podem ser sintetizados em apenas um aparelho, o *smartphone*. Dessa forma, as tecnologias passam a se comportar como extensões do corpo humano, sendo que a memória tem ligação direta com os meios de captura de momentos de nossa vida, de maneira que “Nosso passado tem uma existência material, concreta, inscrita nas estruturas do presente. É apenas através desse passado-presente que podemos refletir sobre a história” (GUARINELLO, 1994, p.187). Ou seja, o aparato

tecnológico é extensão do ser humano, se torna indispensável ao cotidiano à medida que nossos atos de “sobrevivência” à vida contemporânea dependem da existência desses pequenos aparelhos. Ficar desconectado, sem comunicação, sem memória, sem notícias, sem e-mail é praticamente inconcebível.

Toda a sua história em um chip

O episódio analisado de *Black Mirror* traz a questão da memória humana vinculada à tecnologia, que aqui será utilizada como principal objeto de análise. Na nossa sociedade, permeada pela tecnologia, a memória se comporta como um elemento humano com grande capacidade de ser potencializada. Dessa forma, temos no “grão” o aparato potencializador tecnológico da memória dos indivíduos do episódio, sendo que por meio dele os personagens de *The Entire History of You* olham para determinado período de suas vidas a partir do momento presente. Como afirma Perazzo (2006), “A memória não é o passado, mas é a rememoração desse passado feita no presente de um indivíduo e determinada pelas condições presentes naquele momento” (p.63), da mesma forma em que acontece no objeto de análise deste artigo.

É possível comparar o “grão” e suas utilidades com todo o conteúdo cuidadosamente selecionado sobre nossas vidas pessoais que compartilhamos na Internet. Por meio do Facebook, Instagram e outras redes sociais, os usuários expõem ao mundo momentos íntimos e nessas plataformas virtuais ficam registradas eternamente as fotos, vídeos, mensagens, e outras formas de interação, até que sejam apagadas da *timeline*, a “linha do tempo” das vidas virtuais dos usuários. Dessa forma, a ideia de que as pessoas no futuro poderão gravar e compartilhar memórias não é totalmente utópica, pelo fato de esse comportamento já existir por meio das mídias sociais. Com o “grão” instalado no corpo dos personagens, cada um tem uma perspectiva e registra individualmente os acontecimentos coletivos. Ao projetarem suas memórias nas mais variadas plataformas, ocorre a visualização de memórias individuais a partir de eventos públicos. Através da vivência individual, mesmo em meio ao coletivo, os indivíduos recordam fatos sob um panorama pessoal e único. Amormino (2007, p.10) afirma que

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações

que mantenho com outros meios. A contemporaneidade trouxe uma nova concepção de identidade e subjetividade [...].

De forma a tornar a tecnologia do “grão” próxima à realidade atual, é possível comparar esse dispositivo com o *Google Glass Enterprise Edition* (um *Google Glass* reformulado) e suas variáveis no mercado. O *Enterprise Edition* consiste num óculos inteligente que tem funcionalidades parecidas com um *smarthphone*. Permite ao usuário navegar pelas mídias sociais, utilizar o GPS, ver a previsão do tempo, entre outros recursos. Com destaque para a câmera acoplada ao óculos, é possível fotografar e gravar vídeos por meio desse elemento tecnológico sem que o usuário remova-o da cabeça. Tem como principal objetivo alcançar o público empresarial, para servir como ferramenta auxiliadora no trabalho de muitos profissionais desse ramo.

Ainda a respeito do ponto de vista que cada registro exerce sobre as memórias dos personagens em *Black Mirror*, eles também têm a possibilidade de assistir a cada recordação numa sequência não-linear, desconstruindo a narrativa e escolhendo o que querem relembrar. Ou seja, têm o poder de edição sobre a própria memória. “A vida é uma narrativa. Cada um a conta do jeito que vê a realidade [...]. Desconstruir é quebrar com as regras de sequência linear do tempo, é alterar a ordem do tratado metódico das construções” (Oliveira, 2008, p.01).

Também é possível apagar as imagens que não querem mais preservar, como no momento do episódio em que Liam obriga Jonas a apagar as imagens de quando se relacionou sexualmente com Ffion. Nesse ponto, é possível perceber o quanto a tecnologia interfere na história de cada personagem pois, sem a memória armazenada, Jonas não mais se lembrará em detalhes de como viveu aquele momento. Diferentemente dos personagens do episódio, que recordam detalhadamente tudo o que viveram, e para isso precisam estar conectados a uma tecnologia específica, nós não temos como recordar os pormenores de tudo o que vivemos por questões naturais: nosso cérebro não tem a capacidade de armazenar todas as memórias diárias e consolidar essas informações permanentemente.

Nós, seres humanos, armazenamos informação nos nossos cérebros e nos nossos genes assim como os computadores armazenam informação em seus discos rígidos. E, de fato, parece que o ato de viver pode ser visto como o ato de replicar e preservar informação apesar das tentativas da natureza de dissipá-la e destruí-la (Seife, 2010, p.101).

Já existe uma tecnologia constituída por micro-circuitos de identificação pessoal implantados no corpo humano em trabalhadores do ramo de vigilância. Instalada no Equador, a empresa *Ctywatcher* implantou pequenos chips para que o acesso à empresa seja restritamente monitorado. Expandindo esse conceito, é possível imaginar cidadãos utilizando esse dispositivo para monitorar seus cônjuges, assim como ocorre na narrativa ficcional *The Entire History of You* quando Liam quer monitorar Ffion. Considera-se que a privacidade individual é desfavorecida devido aos progressos tecnológicos, uma vez que o próprio *smarthphone* que carregamos conosco registra cada passo e pode monitorar cada decisão. A insegurança que a vigilância onipresente gera torna as pessoas suscetíveis à instabilidade comportamental. Apesar disso, a ausência de privacidade proporcionada pelo uso dessas tecnologias é ignorada, uma vez que os benefícios proporcionados por um pequeno aparelho de “tela negra” é consideravelmente apreciado.

Conclusão

Em função da tecnologia, nossos comportamentos afetivos, profissionais e até biológicos podem ser modificados. A memória se encaixa no contexto da sociedade virtualizada, munida de dispositivos tecnológicos, ao ser de alguma forma desconsiderada como procedimento orgânico essencial às experiências pessoais. A memória, que faz parte da construção da identidade humana e existe em função de momentos que são experienciados, é considerada para os meios de registro, ao tirar fotografia ou gravar vídeos. Em movimentos automáticos, praticamente impensados, são armazenadas memórias em pequenos aparelhos tecnológicos, ou até mesmo em dispositivos virtuais, como em “nuvens“ de armazenamento e *backup* de arquivos.

Nos primeiros minutos de *The Entire History Of You* é exibida uma publicidade do “grão” a qual vende seus benefícios aos usuários, especificamente a Liam, ao sustentar a vantagem de obtenção de “três décadas de backup, gratuitos [...]. Porque a memória é para ser vivida!”. É possível estabelecer uma relação comparativa com a publicidade do Google Drive em seu site, amplamente utilizado na atualidade, “No Drive, você começa com 15 GB de armazenamento on-line gratuito do Google para fotos, histórias, designs, desenhos, gravações, vídeos e o que mais você quiser”⁵.

Ainda comparando o Google Drive com o “grão”, este último permite que os usuários visualizem suas fotos e vídeos em diversas telas, desde numa televisão, até na tela portátil do táxi. O Google Drive sustenta o argumento que “Todos os arquivos, sempre que você precisar. Você pode acessar seus arquivos armazenados no Drive usando qualquer smartphone, tablet ou computador. Aonde você for, seus arquivos o acompanharão”⁴. É possível afirmar que o futuro não está tão distante como pensamos e, por vezes, ele já está inserido de outra forma no cotidiano.

Guarinello (1994, p.187) define esse pensamento incorpóreo da memória, que pode ser testemunhada por todos que se utilizam da internet e de seus benefícios atualmente, sendo que a “Memória, em primeiro lugar, é algo que não está em lugar algum, porque ocupa e preenche todos os lugares. É um substrato, repositório dos produtos de nosso passado que sobrevivem no presente, condição mesma do tempo presente”. Em dispositivos móveis há repositórios ampliados de memórias, memórias que são armazenadas no âmbito virtual e não em mentes humanas. Qualquer rastro do que foi vivido e que está registrado no smartphone, pode ser revivido em questão de alguns toques na tela do aparelho tecnológico.

Dessa forma, pode-se concluir que a memória é armazenada em fragmentos no cérebro, mas torna-se imutável nos dispositivos tecnológicos. É uma realidade fixa e eterna num ambiente imaterial, são os vestígios da vida armazenados em dispositivos virtuais. O site WAYBACKMACHINE⁵ é um exemplo de armazenamento dos rastros digitais que são deixados na internet. Desde 1996, a organização sem fins lucrativos *Internet Archive* vem arquivando bilhões de páginas da World Wide Web, e elas são conservadas da maneira que existiram no passado, incluindo sua evolução durante os anos de atualização. A Waybackmachine comporta uma grande base de dados, incluindo arquivos de vídeo, áudio, foto, entre tantos outros registros disponibilizados gratuitamente. É um acervo digital disponível para o mundo e cada passo digital de diversos usuários está registrado nessa plataforma: cada atualização do seu primeiro blog, que já não utiliza mais, suas primeiras interações, ainda inconsistentes, estão armazenadas e podem ser acessadas mundialmente. Essa é uma memória já irreconhecível, praticamente esquecida, mas que permanece perpetuada no meio virtual. É possível reviver alguma experiência do passado através de

⁴ Frase retirada do site <https://www.google.com/intl/pt-BR_ALL/drive/> Acesso em: 24 maio 2017.

⁵ Site original: <<https://web.archive.org/>> Acesso em: 08 junho 2017.

imagens, vídeos e arquivos escritos e, assim, as discussões sobre memória tornam-se bastante atuais quando trazidas para situações contemporâneas, principalmente voltadas para a movimentação virtual em mídias sociais e em plataformas de armazenamento de dados.

Referências

Amormino, L (2007). Identidade e memória: um olhar a partir dos Estudos Culturais. *Lumina*, v. 1, n. 2, p. 1-15, dez 2007. Disponível em <<https://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/197>> Acesso em: 20 maio 2017.

Google Glass não morreu: ‘Enterprise Edition’ dá as caras em páginas de suporte do produto. *Tudocelular.com*, 2016. Disponível em: <<https://www.tudocelular.com/android/noticias/n73843/google-glass-nao-morreu-enterprise-edition.html>> Acesso em: 05 junho 2017.

Guarinello, N (1994). Memória coletiva e história científica. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.14, n.28, p.180-193, 1994. Disponível em: <http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3763> Acesso em: 10 junho 2017.

Oliveira, F. C. C.; Sampaio, V (2008). *Desconstrução narrativa: a montagem do filme "Pulp Fiction - tempo de violência"*. INTERCOM. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Natal, RN - 2 a 6 de setembro de 2008. p.01 e 05) Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0856-1.pdf>> Acesso em: 07 maio 2017.

Peralta, E (2007). Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. *Arquivos da memória. Antropologia, Escala e Memória*, n.2, p. 4-23, 2007. Disponível em: <[http://www.fcsh.unl.pt/revistas/arquivos-da-memoria/ArtPDF/02_Elsa_Peralta\[1\].pdf](http://www.fcsh.unl.pt/revistas/arquivos-da-memoria/ArtPDF/02_Elsa_Peralta[1].pdf)> Acesso em: 26 maio 2017.

Perazzo, P. F (2006). Memória e narrativas orais em estudos de comunicação social. *Comunicação & Inovação*, v. 7, n. 13, jul/dez 2006. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/655/501> Acesso em: 17 abril 2017.

Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15. Rio de Janeiro, 1989. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf> Acesso em: 21 maio 2017.

Seife, C (2010). *Decodificando o universo*. Rio de Janeiro: Rocco.

Souza, E. C.; Nogueira, E. C. D.; Souza, F. L. M (2014). O corpo hibridizado como alegoria da realidade virtualizada: Uma análise do episódio “The Entire History of You” da série televisiva Black Mirror. *Artefactum – Revista De Estudos Em Linguagem E Tecnologia* Ano Vi – Nº 02 / 2014. Disponível em: <www.artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/download/436/327> Acesso em: 08 maio 2017.



Toda a sua história (The Entire History of You). Terceiro episódio da primeira temporada do seriado Black Mirror. Direção: Brian Welsh. Duração: 44 minutos. Reino Unido: Brian Welsh, 2011. Disponível em: < <https://www.netflix.com/br/> > Acesso em: 10 abril 2017.